

## Apresentação

*Josiane Roza de Oliveira*

*Editora*

As expectativas para os museus em todo o país foram alimentadas no último ano com a criação dos sistemas nacional e estadual de museus, que ainda são abstrações (como qualquer sistema, devido a nossa curta experiência de políticas articuladoras). Mas o estímulo adveio principalmente através de ações práticas mais imediatas, como os editais públicos de financiamento para as instituições que trabalham com preservação e valorização do Patrimônio Cultural.

Duas ações, uma com repercussão de médio e outra de curto prazo, foram suficientes para ampliar os horizontes de toda uma área de conhecimento, científico e tácito, que há muito se encontrava em abandono. Não fosse pela Fundação Vitae, que apoiou essas instituições e ações até o esgotamento de seus recursos e por algumas iniciativas particulares, o desmazelo seria total.

Diante desse quadro é possível abordar o quão persistentes são as instituições museológicas, e perguntar o que pode ter garantido sua permanência, no tempo e no espaço. Pesquisas têm contribuído para o debate sobre a criação e utilização desses lugares como forma de reprodução das estruturas sociais hierarquizadas e de dominação ideológica. Argumentos contundentes e que deixaram a área insegura de suas ações, o que por um lado se fez extremamente positivo, eu diria fundamental, por outro, tal insegurança tornou-se quase imobilizadora em algumas situações. A desestruturação dos museus "tradicionais", no entanto, não abalou a "tradição" de museus, e eles florescem a cada dia e a cada dia seus significados se ampliam diante da sociedade, exigindo maior infra-estrutura, mais profissionais, mais financiamentos.

Positivamente, uma “nova museologia” conquistou espaço. Não menos ideológica que a outra, mas que ampliou as noções e opções relativas à preservação, pesquisa e comunicação. Foi introduzida de forma contundente a preocupação de o museu assumir uma função social mais voltada à população, não diretamente relacionada aos grandes feitos, homens e estruturas da história do país. Idealizando assim um museu entendido como espaço de produção e socialização de conhecimento, revitalização e valorização das culturas em sua diversidade e, como vetor constituinte das lutas pela igualdade social e conquista da cidadania.

Apresentaram-se então, questões como: nosso trabalho é ou não politicamente correto?; Até que ponto as instituições se configuram em espaços de produção e transmissão de conhecimento?; Até que ponto se consegue fazer crítica social, expressar criatividade e construir as tão fundamentais ligações, ou apenas dar visibilidade e fazer pensar sobre as relações, entre futuro, presente, passado, no que esses conceitos têm de continuidade e ruptura, na experiência empírica e elaborada da humanidade? Protocolo de problematização que não faz parte da maioria dos museus brasileiros.

Há contudo, realidades e realidades na museologia exercida e imaginada no Brasil. No caso de nossa região de atuação - o Oeste de Santa Catarina -, vemos que essas instituições conseguem se manter por teimosia ou por tradição, pois ressoa o entendimento de que “todo município deve ter o seu museu”. No entanto, longe, cada qual está, das definições da museologia e dos objetivos *stricto sensu* do que poderia ser um museu, em seu amplo campo de possibilidades. Por sua vez, os museus estão em meio ao fato social da cidade e, como construção simbólica, funcionam na mentalidade da população, impressos na elaboração das memórias e na concretude do espaço. Estão, esses museus também em busca de alguma legitimidade e de sua inserção nas políticas públicas de cultura. O que não é nada evidente, uma vez que a maior parte deles não possui seus projetos institucionais, seu quadro funcional

é sempre deficitário e, a duras penas conquistam alguma inserção no planejamento orçamentário dos municípios.

Nesses museus, não menos legítimos que os melhor estruturados, muito há por ser feito, inclusive oferecer-lhes reais condições de concorrência aos editais de financiamento.

A hierarquização consolidada dentro do campo de conhecimento museológico, no qual atuam profissionais legalmente reconhecidos enquanto tais, os museólogos e os outros, também parece atrapalhar um pouco o aprimoramento das grandes questões que mobilizam qualquer área de conhecimento na sua estruturação e consolidação. Necessariamente, os profissionais reconhecidos precisam fazer a ponte com os outros profissionais para garantir o núcleo básico da museologia: a interdisciplinaridade, na qual adentram os pesquisadores e os educadores, formando as três molas propulsoras institucionalizadas do fazer museológico. Não é preciso dizer que essa relação ainda deixa muito a desejar em diferentes instituições – fator perceptível nas ações de extroversão e na própria sistematização reflexiva. Ainda são poucas as publicações na área, principalmente aquelas que abordam as experiências de conservação, pesquisa, exposição, educação, de forma a adensar as discussões teóricas e metodológicas. Os motivos da escassez são muitos, inclusive a falta de tempo.

E foi justamente para provocar o encontro dessas ações e seus agentes que propusemos o número 21 dos Cadernos do CEOM “Museus: acervo, pesquisa, comunicação”, procurando reunir as áreas de maneira a experimentar, mais uma vez, seus potenciais: interdisciplinar e articulador.

Para o CEOM, é de extrema importância propiciar esse diálogo através desta publicação que, a partir do próximo número da revista contará com uma seção mais voltada para a comunicação de trabalhos na área de patrimônio cultural, atendendo a uma necessidade que se apresentou no decorrer da edição dos diferentes números temáticos já publicados. Ou seja, claro está que os envolvidos na preservação e valorização do patrimônio cultural querem exprimir e socializar suas reflexões e ações.

Nesse número tivemos a colaboração de um grupo variado de pesquisadores, com atuação em diferentes partes do país e abordando as dimensões propostas: acervo, pesquisa e comunicação. Agradecemos a colaboração dos autores e, em especial, da professora Maria Cristina Bruno do MAE/USP que nos concedeu uma entrevista falando dos caminhos e descaminhos de sua aproximação com a museologia, uma colaboradora sempre atenta e sensível ao nosso trabalho.